

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

FRESCHI, Antônio Oswaldo. *Antônio Oswaldo Freschi (depoimento, 1998)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FUNDAÇÃO CSN, 1999. 37 p. dat.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC/FGV e FUNDAÇÃO CSN. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

ANTÔNIO OSVALDO FRESCHI
(depoimento, 1998)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

sumário: Cinthia Monteiro de Araujo

conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias

copidesque: Verena Alberti

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Volta Redonda - RJ - Brasil

data: 09/12/1998

duração: 2h

fitas cassete: 02

páginas: 37

Entrevista realizada no contexto do projeto "Pioneiros e Construtores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)", na vigência do convênio entre o CPDOC-FGV e a Fundação CSN. Esta entrevista subsidiou a elaboração do livro "CSN um sonho feito de aço e ousadia" (Rio de Janeiro, Fundação CSN & Fundação Getulio Vargas, Iarte), de autoria de Regina da Luz Moreira.

A escolha do entrevistado justificou-se pelo fato de ter sido responsável pelo trabalho de topografia da região onde foi construída a usina e pela manutenção dos fornos.

A parte final desta entrevista foi gravada simultaneamente em vídeo.

temas: Antônio Oswaldo Freschi, Companhia Siderúrgica Nacional, Indústria Siderúrgica, Volta Redonda

Sumário

Entrevista: 09/12/1998

Origens familiares; primeiros contatos em Volta Redonda em 1942; o curso de engenharia no Rio de Janeiro na década de 1930; trabalho na Ligth; explicações sobre o caráter das atividades desempenhadas pelo entrevistado na CSN; longa discussão sobre o processo de aquisição e a localização dos terrenos ocupados pela companhia; o trabalho na Secretaria de Educação e Saúde Pública do estado de São Paulo e no Ministério da Guerra; ida para Volta Redonda em 1942: o licenciamento e o posterior desligamento da Secretaria, a residência em Barra Mansa, a casa que o entrevistado recebeu da companhia; comentários sobre a formação escolar do filho; as opções de lazer na cidade; rápida observação sobre o uso das tecnologias americana e japonesa na construção e expansão da usina; longas explicações sobre o serviço de manutenção dos fornos; menção ao trabalho realizado nos setores da CSN localizados fora de Volta Redonda; opinião do entrevistado sobre a emancipação política de Volta Redonda; discussão sobre as implicações da Segunda Guerra Mundial e sobre as motivações do governo brasileiro na construção da Siderúrgica; o trabalho na Companhia Brasileira de Projetos Industriais (Cobrapi); comentários sobre o equipamento de segurança utilizado na companhia; breve menção ao trabalho feminino na usina; discussão sobre o impacto do avanço tecnológico; longa discussão sobre a dedicação dos funcionários ao trabalho na usina; longas considerações sobre a localização da usina e o aproveitamento do terreno adquirido pela CSN; as implicações da construção da usina e da cidade sobre o clima de Volta Redonda; comentários sobre levantamentos topográficos feitos pela companhia e os desenhos feitos pelo entrevistado; avaliação do entrevistado sobre a inteligência e capacidade do brasileiro.

Entrevista: 09/12/1998

I.F. – Nós estamos aqui com muito interesse em aprender as primeiras coisas que o senhor fez em Volta Redonda, quando o senhor veio para cá, a história do começo de sua vida aqui e da CSN. Então, precisamos primeiro confirmar seu nome completo.

A.F. – Antônio Oswaldo Freschi, descendente de italiano.

I.F. – Seus pais eram italianos?

A.F. – Todos os dois, pai e mãe.

I.F. – E vieram para o Brasil como e quando?

A.F. – Meu pai veio em 1912 e minha mãe veio antes, em 1910, por aí, 1911...

I.F. – E vieram para onde, Rio ou São Paulo?

A.F. - São Paulo. Eu praticamente sou italiano, sou brasileiro de coração. Agora, de sangue, italiano puro; minha mãe era italiana, meu pai italiano e eu nasci em São Paulo, no Brás, um bairro italiano.

I.F. – E em que ano o senhor nasceu?

A.F. – Eu nasci em 1915 e fui registrado em 1916. Nasci no dia 9 de junho de 1915. Minha mãe falou, certeza não tenho. [risos]

I.F. – Naquela época era muito comum registrar tempos depois, errar data...

A.F. – Eu vim para cá em 1942, cheguei aqui em Volta Redonda em 16 de março de 1942. Vim para cá, me apresentei ao chefe de topografia na ocasião, que era o engenheiro Jorge Chatanier, e ele me perguntou: “O senhor trabalhou onde?” “Eu trabalhei na Light, no Ministério da Guerra, na Secretaria de Educação.” “O senhor fala inglês?” “Falo.” “Então, o senhor vai para a coqueria e se apresenta ao *mister* Morton.” Naquele tempo não tinha muita etiqueta nem carta de apresentação. “O senhor se apresenta ao *mister* Morton.” Eu saí e, fora do escritório, lá fora, eu pensei: “Puxa vida, onde é essa coqueria?” [risos] Eu já era um profissional experimentado, mas de siderurgia não entendia nada. “Onde fica esse *mister* Morton? Não perguntei onde é a coqueria!” Mas, casualmente, eu olhei para a direita e vi um coqueiral lá embaixo. Aí eu falei: “A coqueria é lá, naquele monte de coqueiro.” [risos] E lá fui eu para coqueria, onde tinha os coqueiros. Lá chegando, tinha um senhor fumando um charuto, mal encarado, e eu procurando o tal *mister* Morton e ele me perguntou: “*What are you looking for?*” E eu disse: “*I’m looking for mister Morton.*” Então, ele respondeu: “*I am mister Morton.*” Ele era o *mister* Morton e lá foi feita a coqueria, no coqueiral. [risos] E eu pensei que o coqueiral fosse a coqueria.

Trabalhei lá desde o início da construção da coqueria até o final. Inicialmente, eu trabalhei na implantação mesma do plano reticulado da usina, que era um sistema de marcos, referências para a implantação da usina. Trabalhei junto com *mister* Launzburg, um americano também. E trabalhei com ele esse tempo todo, até 45. Em 45, eu fui para

Santa Catarina, para Beluno. Antigamente, Siderópolis chamava-se Beluno; era distrito de Criciúma. Fui fazer a demarcação da Siderúrgica e fiquei seis meses lá; fiz a demarcação e vim para cá. Em aqui chegando, aqui não tinha praticamente nada. Em 45 também não tinha nada ainda. Quando eu cheguei, não tinha absolutamente nada. Seria até interessante vocês pedirem uma cópia, que a Siderúrgica tem, de uns desenhos aerofotogramétricos, feitos pela Obras Contra a Seca, que mostram o terreno todo aqui e onde não aparece absolutamente nada, construção nenhuma. Então, isso identifica que em 41, 42, aqui não tinha absolutamente nada.

I.F. – Era um entroncamento de estações de trens.

A.F. – Naquela época era uma passagem de trens que passavam por aí. Não havia entroncamento, passavam apenas por aí. Em 45 eu vim para cá e aqui fiquei.

I.F. – O senhor veio para cá em 41?

A.F. – Em 42, 16 de março de 42.

I.F. – E demarcou aqui a região da coqueria?

A.F. – Trabalhei na coqueria, na implantação da usina propriamente dita, de toda a usina.

I.F. – E por que o senhor foi bater em Siderópolis?

A.F. – A companhia recebeu uma concessão para a extração de carvão.

I.F. – Então, o senhor foi como funcionário da CSN.

A.F. – Funcionário da CSN na extração de carvão em Beluno, que hoje é Siderópolis. Lá tinha um terreno enorme, da ordem de 60 milhões de metros quadrados. Então, eu percorri esse perímetro e fiz a demarcação para a companhia poder lavrar o carvão lá.

I.F. – Mas me conte uma coisa: O senhor nasceu em São Paulo...

V.A. – E veio para cá com 27 anos, em 42. Mas antes disso, tem uma história que a gente quer saber, quer conhecer um pouco: a sua formação, como o senhor veio parar aqui.

I.F. – Como o senhor estudou, onde, quais foram os cursos...

A. F. – Eu fiz o grupo escolar em São Paulo.

I.F. – O senhor tem irmãos?

A.F. – Não, só tenho uma irmã. Me formei em agrimensor em 1937, no Rio de Janeiro — engenheiro agrimensor.

I.F. – Agrimensor é uma especialização da engenharia, não?

A.F. – Corresponde ao terceiro ano de engenharia civil.

I.F. – Quando chegava ao terceiro ano, recebia o título de agrimensor e podia continuar por mais dois anos e sair como engenheiro civil.

A.F. – Engenheiro civil.

V.A. – E o senhor estudou onde, no Rio?

A.F. – Na Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro. Não era reconhecida. Essa é uma das questões que me traz muita amargura porque eu, modéstia à parte, era um profissional respeitadíssimo na Siderúrgica. Tanto que eu fui a chefe de topografia, que era cargo ocupado por engenheiros, e fui a chefe de serviço. Mas eu não podia exercer a profissão livremente porque o meu curso de agrimensor não era reconhecido pelo governo.

V.A. – Essa Escola Livre de Engenharia ficava onde?

A.F. – Na praça Tiradentes, junto à antiga Telefônica. Mas esse curso não era reconhecido pelo governo; portanto, eu não podia exercer a função nem de topógrafo porque a escola não era reconhecida. Ora, eu não podia exercer a função de topógrafo tendo sido chefe de topografia no Ministério da Guerra, onde fui apresentado aqui ao dr. Chatanier, pelo coronel João Luís Monteiro de Barros, que era o chefe da Comissão da Fortificação da Costa de Santos quando ele veio para cá. Fui chefe de topografia da Companhia Siderúrgica Nacional. E não podia exercer a função. Isso é um absurdo muito grande. Em 1943, 44, o presidente ainda era o Getúlio, que baixou um decreto pelo qual todas as pessoas formadas por escolas livres podiam requerer a validação do diploma. Eu requeri mas não deu resultado nenhum. E eu chefieei a topografia daqui da companhia durante mais de 20 anos, como chefe do Serviço de Topografia.

I.F. – E por que o senhor foi estudar no Rio?

A.F. – Porque eu trabalhava na Light. Eu era de São Paulo mas trabalhava aqui em Fontes, em Ribeirão das Lajes, perto de Piraí.

V.A. – Como o senhor foi trabalhar na Light?

A.F. – Eu comecei na Light em 1927.

I.F. – Mocinho, hein?!

A.F. – Com 12 anos, como mensageiro. Depois fui para Fontes, Ribeirão das Lajes, perto de Piraí. Lá de Piraí, então, eu ia para o Rio de Janeiro uma vez por semana ou duas. Mas eu conhecia mais de topografia do que os próprios professores, porque eu fui quase que criado nesse ambiente — engenharia e topografia de modo geral.

V.A. – E o senhor foi para a Light, aos 12 anos, trabalhar como mensageiro, por intermédio de quem?

A.F. – Por mim mesmo, eu mesmo entrei lá, sozinho.

V.A. – E a Light ficava em Fontes?

A.F. – Não. A Light, quando eu comecei, era em São Paulo. Depois fui para Fontes. Até tenho uns documentos, posso apanhar?

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.F. – Essa aqui é a minha primeira carteira na Siderúrgica, quando eu entrei e me deram a carteira de siderúrgico.

Mas nessa Escola Livre de Engenharia, quando estava trabalhando em Fontes, eu ia uma vez por semana, duas vezes. Mas eu, praticamente, como aluno, ensinava até os próprios professores. Eu terminei o curso em 37 e já em 27 eu tinha entrado no serviço de engenharia — essa é a carteira de 32, 33 —, eu tinha bastante experiência.

V.A. – O senhor começou como mensageiro e como chegou na seção de engenharia?

A.F. – É o seguinte: eu estudava por correspondência, fiz curso por correspondência. Em 37, eles queriam um engenheiro aqui em Fontes. Tem uma carta aqui pedindo um engenheiro para trabalhar em Fontes. Então, o engenheiro-chefe de São Paulo pôs uma nota aqui embaixo, não sei se vocês entendem isso aí. Aí, eu vim para Fontes em 1937.

V.A. – *Can you use Antônio Freschi? He is not an engineer, but...*

A.F. – Lt.

V.A. – O que é LT?

A.F. – LT era meu chefe, Louis Tofton.

V.A. - *...he is very experienced with instruments, a good draftsman and a hard worker.*

A.F. – Isso foi em 37, eu tinha 22 anos e era um garotinho ainda. Quando eu vim para cá, em 42, eu trouxe essa carta de recomendação.

I.F. – A topografia é que faz aquelas medições nos altos e baixos do terreno, não é isso?

A.F. – Topografia, propriamente dita... Aqui na companhia foi feito mais engenharia civil do que topografia. Era chamada de topografia única e exclusivamente porque se usavam os aparelhos de topografia: teodolito, nível, trena. Mas nós demarcávamos a posição da obra, verificávamos tudo — concreto, forma, tudo — e só depois da nossa verificação é que era feita a concretagem.

I.F. – Não só na usina como na cidade.

A.F. – Na cidade era mais topografia: locação de casas, levantamentos.

I.F. – Inclusive porque a cidade tem muitos altos e baixos, não?

A.F. – É. Mas na usina, não; na usina era mais locação de obras, posição de máquinas.

I.F. – E isso mede também a consistência do terreno para ver que tipo de...

A.F. – Não, essa já é outra parte.

I.F. – Porque tem que ver que tipo de alicerce vai se colocar, não?

A.F. – Essa é outra parte.

I.F. – Mas tem que trabalhar junto com o topógrafo.

A.F. – Ah, junto com o topógrafo. O topógrafo apenas demarca o posicionamento. Mas em 41, quando eu vim para cá, aqui não tinha absolutamente nada, nada, nada. Então eu trabalhei na coqueria, na laminação, no alto-forno, trabalhei em todas as obras da usina, todas elas. Inclusive nos setores: Lafaiete, Campo Belo, em São Paulo, na Bahia — a companhia tem negócio na Bahia também, no vale do Iguape, óleo de palma, extração de óleo de palma —, Santa Catarina, Foz do Iguaçu, na ponte Brasil-Paraguai, a Ponte da Amizade — aquilo foi também controlado por nós, na topografia, eu que chefiava essa parte.

V.A. – Mas o que a CSN tinha com isso?

A.F. – Porque a Ponte da Amizade foi feita em estrutura metálica para depois concretar. Então, a estrutura metálica foi feita pela FEM, Fábrica de Estruturas Metálicas e a FEM solicitou à companhia que nós, da topografia, verificássemos o posicionamento, a posição da ponte, essa parte toda.

I.F. – Esse projeto da CSN foi todo feito sob orientação dos americanos.

A.F. – O projeto inicial foi todo americano, inclusive usina e cidade.

I.F. – Exatamente. E aí os americanos vieram. O senhor trabalhava diretamente ligado aos americanos?

A.F. – Eu trabalhei diretamente com os americanos e depois sem os americanos. Em 1942, quando eu vim para cá, em plena guerra, aqui tinha muitos americanos, na coqueria, na laminação, na usina toda. A companhia era toda ela administrada por americanos, em todos os setores. E eu trabalhava com eles, ora com um, ora com outro. Inicialmente, foi feito um levantamento aerofotogramétrico, pelo Serviço de Obras Contra as Secas. Depois, a companhia solicitou, antes que começasse qualquer serviço, um levantamento para um escritório de topografia do Rio de Janeiro, Escritório Técnico de Topografia e Urbanismo, que fez o levantamento da parte da usina e daqui onde é hoje a cidade, e que antigamente não tinha nada.

A companhia comprou aqui diversos terrenos; o principal foi de Néelson Marcondes Godói, que é onde nós estamos agora. Isso aqui pertencia a Néelson Marcondes Godói. Depois, comprou de Carlos Haasis, depois comprou de Onorina Soares Barbosa, Otacílio Tavares Ferreira e família Pereira Filho, totalizando isso mais ou menos em 29 milhões de metros quadrados.

I.F. – E nisso estava também o terreno que foi desapropriado pelo Ernâni do Amaral Peixoto?

A.F. – Não. A companhia, aqui, não desapropriou terreno nenhum.

I.F. – A companhia, mas o governo do estado desapropriou.

A.F. – Nem o governo do estado.

I.F. – Como? Que história é essa?

A.F. – Não houve desapropriação nenhuma aqui, foi tudo escritura pública de compra e venda. Não houve desapropriação, não.

I.F. – Então o Ernâni comprou um terreno e doou para a CSN.

A.F. – Não. O terreno foi comprado pela Siderúrgica e o governo do estado do Rio entrou com o cheque. Mas na escritura, ela mencionava “de acordo com o decreto tal” que era um decreto de desapropriação.

V.A. – Pois é: [lendo] “O Decreto-Lei 237, de 25 de março de 41, o governo do estado do Rio de Janeiro desapropriou, por utilidade pública, terrenos e benfeitorias das fazendas Santa Cecília e Retiro para a construção da usina, da vila operária, de logradouros...”

A.F. – Não, não. Isso aí foi uma maldade que fizeram. Não houve esse negócio aí, não. A companhia comprou o terreno por uma escritura pública de compra e venda. Eles mencionaram esse decreto na escritura mas não houve desapropriação, não. O governo do estado do Rio pagou com um cheque. Foram 3.500 contos de réis, o estado do Rio e a Siderúrgica. O governo do estado deu um cheque e a Siderúrgica, outra parte. Mas não houve desapropriação.

V.A. – Para os proprietários das fazendas Santa Cecília e Retiro eles deram o cheque?

A.F. – Não, não tinha nada com o Retiro. A Companhia Siderúrgica Nacional não tem absolutamente nada no Retiro. Onde é chamado hoje o Retiro, ela não tem nada, absolutamente nada. O que ela tem, é da margem direita do rio Paraíba para cá. Do lado de lá, da margem esquerda para lá, só tem o Aero clube. O Aero clube é uma área de 900 mil metros quadrados que foi adquirida de Arnaldo Barreira Cravo. Mas não é do Retiro, não; no Retiro a Companhia não tem absolutamente nada.

V.A. – Não comprou a fazenda do Retiro?

A.F. – Não, no Retiro, não.

V.A. – E a de Santa Cecília?

A.F. – A Santa Cecília é aqui.

V.A. – E aí pagou, não foi desapropriada; pagou, comprou.

A.F. – Pagou, comprou.

V.A. – O governo do estado e a CSN.

A.F. – O governo do estado e a Siderúrgica. Foram 3.500, não sei cruzados, contos... Sei que um entrou com um cheque de 500 contos de réis e outro, com 3 mil. Mas não tem nada no Retiro; a Siderúrgica não tem nada no Retiro. Eu vou mostrar, olha aqui¹: “Terreno da CSN, 93.” Vamos na página 93 e vamos ver. Isso aqui, o Retiro é para o lado de cá. Esse aqui é o rio Paraíba. O Retiro está localizado na margem esquerda do Paraíba para norte, para cá é o Retiro. E aqui, as senhoras podem ver: “Planta e indicação do terreno adquirido pela Companhia Siderúrgica Nacional e pelo estado do Rio.” Então adquiriram tudo isso que está aqui. O terreno 1 eles adquiriram de quem, essa parte aqui?

V.A. – Néelson Marcondes Godói e sua esposa, está aqui.

A.F. – O 2...

V.A. – Carlos Augusto Haasis e sua esposa.

A.F. – O 3?

V.A. – Otacílio Tavares Ferreira e Antônio J. Caride e sua esposa.

A.F. – O 4?

V.A. – Onorina Soares Barbosa. Cinco, Maria Cecília Alberto e Fernando de Araújo Pereira, assistidos e representados por Camilo Pereira Filho. Seis, Arnaldo Alves Barreira Cravo e sua esposa, Roberto Barreira de Alencar Matos e sua esposa e dr. Alionor Cabral Barreira Cravo. Sete, Irene Torres Moreira e seu marido...

A.F. – Que era destinado ao aeroporto.

V.A. – ...Cristóvão Moreira da Silva, terreno destinado ao aeroporto. E aqui tem a data, a área...

A.F. – O sete é hoje o bairro Santo Agostinho. O aeroporto é aqui, o seis. As senhoras vejam que do outro lado não tinha nada. Essa história de citarem o decreto — é até meio lamentável eu citar isso — foi uma coisa meio... Não sei se foi mal-intencionado ou o que foi. Eu sei que mencionaram esse decreto e a companhia depois andou sendo multada por ter desapropriado o terreno para fins siderúrgicos e ter vendido depois para outros fins. Então, chegou a ser desapropriado de acordo com decreto mas não houve desapropriação nenhuma aqui, não.

I.F. – E aqui é que ficou sendo colocada a usina?

A.F. – A usina foi aqui. Aqui é a Vila, nós estamos aqui assim. Aqui é Monte Castelo.

¹ Mostrando cadernos de registros organizado pelo próprio entrevistado, com plantas e outros documentos da época.

I.F. – E aqui ,o Laranjal.

A.F. – Não, o Laranjal é mais para cá. Aqui já é a Cicuta e aqui já é perto de Pirai.

I.F. – O Laranjal é por aqui então.

A.F. – É por aqui.

I.F. – E onde ficava a fazenda Santa Cecília?

A.F. – Aqui assim. A fazenda Santa Cecília foi de Néelson Marcondes Godói. Mas desapropriação não houve nenhuma. Os terrenos foram adquiridos pela Siderúrgica.

I.F. – A atuação do Ernâni, então, foi um cheque para pagar uma parte. Do Ernâni não, do interventor.

A.F. – Foi. Não houve desapropriação absolutamente nenhuma. A companhia, então, foi multada e pagou uma indenização para Onorina Soares Barbosa porque ela vendeu o terreno para uma fábrica de cimento — Companhia de Cimento Vale do Paraíba. E a companhia, então, foi multada porque vendeu um terreno que tinha sido desapropriado para fins siderúrgicos e está citado no decreto. Mas não tinha decreto nenhum, aqui não houve desapropriação nenhuma. Está escrito na escritura “de acordo com o decreto tal” que menciona desapropriação, mas não houve desapropriação nenhuma. Que eu tenha conhecimento, foi tudo escritura pública de compra e venda. Mas não sei por quê citaram “de acordo com o decreto tal”. Mas não houve nada disso.

V.A. – E tudo isso aqui que o senhor guardou é resultado do seu trabalho?

A.F. – Isso aqui é meu, particular. Agora, em 41 foi feito esse levantamento aqui, da margem direita do Paraíba para cá.

I.F. – Onde se colocaria a usina.

A.F. – A usina é aqui.

V.A. – Isso é de 41?

A.F. – De 41, esse levantamento aqui.

V.A. – O senhor é que fazia essas plantas?

A.F. – Não. Essa planta aqui foi feita pelo Escritório Técnico de Topografia e Urbanismo.

I.F. – Mas está assinado pelo senhor.

A.F. – O que está assinado é a planta de situação, indicação. Aqui está: “Levantamento plano e altimétrico executado pelo Escritório Técnico de Topografia e Urbanismo.”

V.A. – E o senhor assina o quê?

A.F. – Eu assinei aqui a posição do levantamento que foi feito por esse escritório. Aqui tinha 21 folhas. Então, existiam essas folhas soltas e, nessa planta, eu indico a posição das folhas dentro da propriedade da companhia. Essa parte aqui foi feita pelo Escritório Técnico de Topografia.

V.A. – Esse seu caderno é precioso, hein, dr. Freschi!

A.F. – Eu acho. Eu acho. Olha aqui: “Indicação das folhas do levantamento...”

I.F. – O que é folha?

A.F. – Folha é uma prancha, como se fosse uma folha de papel. O levantamento é feito, digamos, com dez folhas ou dez pranchas. Então, isso que está aqui é a indicação das folhas do levantamento. Antigamente fizeram esse levantamento aí. Se a pessoa quisesse um detalhe próximo da parte da usina, não sabia em que folha ia procurar. Então: é na folha 1. Eu fiz esse negócio aqui. Então: “Levantamento executado em 1941, vide plantas na página 99.” Então, aqui foi feito um levantamento pelo Escritório Técnico de Topografia do Rio de Janeiro. A companhia contratou, antes de ter o pessoal dela aqui, até mesmo antes de ter engenheiros de topografia aqui, esse escritório para fazer o serviço. E isso aqui foi outro serviço que foi feito, e que é interessante, está muito apagado, pelo Obras Contra as Secas, que tem essas cinco folhas. Esse levantamento mostrou, em 41, o que tinha aqui: nada. Apenas a Central do Brasil passando aí. A ferrovia passava onde é hoje a laminação. Passava lá dentro e foi trazida para fora.

V.A. – O senhor chegou aqui em março de 42. Antes, trabalhava em Fontes...

A.F. – Não, trabalhava em São Paulo, na Secretaria de Educação.

V.A. – Vamos então voltar. O senhor foi para a Light em São Paulo, aí o indicaram como engenheiro para Fontes...

A.F. – Não, não foi isso, não. A minha vida começou, no trabalho, em São Paulo, no projeto Billings, da represa nova de São Paulo. De lá, eu vim para Fontes em 1937. Em 1927 eu comecei lá como mensageiro, mas estudava topografia por minha conta e lá fui promovido a topógrafo, na Light. De Fontes, então, queriam um engenheiro e perguntaram se não queriam usar a mim, eu não era engenheiro mas era bem experimentado com instrumentos, ótimo desenhista e forte trabalhador. Então eu vim para cá em 37. Daqui eu saí e fui trabalhar na Secretaria de Educação em São Paulo.

V.A. – Quando isso?

A.F. – Em 39 eu fui para São Paulo.

V.A. – E o que o senhor foi fazer na Secretaria de Educação?

A.F. – Serviço de topografia de saneamento.

I.F. – Era o Ademar de Barros.

A.F. – O interventor era o Ademar de Barros. Lá eu fazia obras de saneamento.

V.A. – Dentro da cidade?

A.F. – Não, em todo o estado de São Paulo: Piracicaba, Pirassununga, Porto Ferreira, Campinas.

I.F. – O senhor vivia de sacola nas costas!

A.F. – Mala nas costas. Sorocaba, Itaipava, Caraguatatuba, Ubatuba, Itanhaém, toda a zona de malária.

V.A. – E por que obras de saneamento na Secretaria de Educação?

I.F. – Era Educação e Saúde Pública, ainda não tinha sido desmembrado.

A.F. – E Saúde Pública. Eu trabalhava lá. E nessa época eu trabalhava também no Ministério da Guerra, de onde fui indicado para cá pelo coronel João Luís Monteiro de Barros, que serviu aí.

V.A. – E o senhor trabalhava nas duas coisas ao mesmo tempo?

A.F. – Ao mesmo tempo.

I.F. – Ele tinha algum parentesco com João Alberto Lins de Barros?

A.F. – Não sei. Era da família Monteiro de Barros, ele morreu já, era general quando morreu. Em 1945, por aí, eu fui requisitado para trabalhar em Volta Redonda porque eu vim para cá licenciado. Aqui, quase ninguém acreditava na Siderúrgica, inclusive eu. Nós não acreditávamos que isso aqui fosse para a frente, e foi. Nós vencemos. Então, em cinquenta e poucos, São Paulo solicitou que eu voltasse, que eu devia voltar para a Secretaria de Educação.

V.A. – Mas o senhor trabalhava também no Ministério da Guerra.

A.F. – Eu trabalhava no Ministério da Guerra em serviço particular. Eu trabalhava na malária na parte da tarde. E na parte da manhã, eu atendia ao coronel Monteiro de Barros, mas serviço particular, como profissional autônomo.

V.A. – E o senhor fazia o quê?

A.F. – Locação de estradas. Está aqui²: “20 de fevereiro de 42, apresento o topógrafo Antônio Oswaldo Freschi, que executou com perfeição e presteza, nesta comissão, trabalhos topográficos de desenho e exploração e locação de estradas logrando assim uma ótima comissão para Volta Redonda.”

V.A. – E qual era a comissão?

² Lendo um documento pessoal.

A.F. – No Exército, eles tinham essa mania de chamar de comissão. Por exemplo, aqui em Volta Redonda o chefe na ocasião, o diretor aqui era o coronel Macedo Soares; ele era coronel, na ocasião.

[FINAL DA FITA 1-A]

A.F. – Departamento de Saúde do Estado.

V.A. – Departamento de Saúde do Estado e Serviço de Profilaxia da Malária.

I.F. – Essa região era muito alagada, dava muita malária e no momento que construíam estradas e urbanizavam, iam acabando com a malária.

A.F. – Iam acabando com a malária. Então, era a Secretaria dos Negócios de Educação e Saúde Pública, Departamento de [inaudível] da Saúde. Eu fui requisitado. Está aí: “Remeto-lhe o título...”

V.A. – “Remeto-lhe incluso o título referente à Resolução de 42, que lhe concedeu o afastamento do cargo pelo prazo de um ano a fim de servir junto à Companhia Siderúrgica Nacional.” Quer dizer, o senhor foi cedido pelo Departamento de Saúde do Estado de São Paulo por um ano, para trabalhar na CSN.

A.F. – Foi. Isso em 43. Nessa ocasião, eu não quis pedir demissão em São Paulo. Então eu falei que não ficaria, só se me requisitassem. Aí, fui requisitado.

V.A. – O senhor chegou aqui em março de 42.

A.F. – Eu cheguei aqui em março de 42 porque tirei licença em São Paulo, licença minha que eu tinha lá.

V.A. – E por que o senhor veio para cá?

A.F. – Porque a família de minha mulher morava aqui em Fontes, perto de Piraí, e para mim era interessante vir para cá. E era uma obra interessante aqui, em que eu ia ganhar mais também — o salário era melhor aqui do que lá. Então, vim para cá porque me ofereciam vantagens.

I.F. – O senhor disse que não acreditava nisso aqui no início. Por quê? O senhor achava uma obra muito grande? Por que o senhor não acreditava?

A.F. – Siderúrgica Nacional, quando falavam em fazer aço ninguém acreditava. “Vão fazer aço coisa nenhuma! Fazer aço nada! Não vai sair coisa nenhuma.” Muita gente veio para cá para fugir da guerra também. Não era o meu caso, não, porque eu sou reservista de terceira categoria e não ia para a guerra.

V.A. – Aí o senhor veio por um ano, mas em 43 já tinham pedido o senhor de volta? É isso?

A.F. – A minha vida aqui é meio complicada. Veja bem, em 1942 eu pedi uma licença em São Paulo — saí de licença, não pedi demissão, não — e vim para cá licenciado. Eu tinha direito a um determinado tempo e vim para cá. Em 43, eu então disse que não ficaria aqui, ficaria se me requisitassem mas eu não pediria demissão em São Paulo.

V.A. – E quem o requisitou?

A.F. – A Siderúrgica.

V.A. – A Siderúrgica requisitou ao governo do estado que o senhor ficasse.

A.F. – Aí veio aquele título concedendo o afastamento. Em 51, em São Paulo, pediram que eu retornasse. Então, eu escrevi uma cartinha: “Engenheiro Alencar, informo que desconhecia o término do período de requisição em 30 de junho de 49. A fim de evitar a minha demissão da Secretaria de Educação e Saúde Pública e Assistência Social...” Pedia um profissional para o meu pronunciamento, para eu me pronunciar se ficaria aqui ou iria para lá. Então, o Ciro Borges, que era o diretor aqui... Eu aqui dizia que a companhia devia se manifestar se interessava o meu serviço aqui. Se não interessasse, eu voltaria para lá. Isso em 51. E ele respondeu aqui, isso é cópia do que está no arquivo da companhia: “Interessam à CSN os serviços profissionais do auxiliar técnico Antônio Oswaldo Freschi, que, além dos sólidos conhecimentos em topografia que possui, trabalhou sempre com desvelo desde 1942 e elevado espírito de renúncia.” Então eu fiquei. “Faça-se o expediente necessário.” Fez o expediente, mandou para São Paulo e eu fiquei aqui. Aí me desliguei de São Paulo e fiquei aqui.

V.A. – O senhor disse que, ao chegar, não tinha nada aqui.

I.F. – E o senhor veio morar onde?

A.F. – Eu morava em Barra Mansa, num quarto alugado lá, eu e mais quatro rapazes.

I.F. – E vinha todo dia para cá?

A.F. – Todo dia.

V.A. – Como?

A.F. – Vinha de trem. Tinha um trem que vinha daqui para Barra Mansa e de Barra Mansa para cá, levava a gente para lá e trazia para cá. Isso em 42. Em novembro de 42 eu ganhei casa aqui em Volta Redonda, uma casa na Vila, na rua 44. Morei lá 20 anos.

I.F. – Já casado?

A.F. – Já casado. Eu casei em 40.

I.F. – Tinha filhos já, nessa ocasião?

A.F. – Não, meu filho nasceu em 42. Eu me casei em 40, estou com 58 anos de casado. Meu filho mais velho nasceu em 42, nasceu aqui. Nasceu em Piraí porque aqui não

tinha recursos. Ele e o outro, que faleceu. Mas então, esse negócio aí não é bem a história da companhia, não; é mais a minha história.

V.A. – É assim mesmo, a história de cada um.

I.F. – É a história de cada um que vai fazer a história da companhia. Então o senhor vai nos contar. O senhor conseguiu uma casa. E as casas como eram?

A.F. – São as que existem atualmente na rua 44. Eram boas: três quartos, sala, cozinha, banheiro, quintal, varanda. Casas boas.

I.F. – E a aparelhagem para o trabalho, era sua ou da empresa?

A.F. – A aparelhagem era toda da empresa.

I.F. – Era bom o material?

A.F. – Material de primeira categoria, de primeira ordem. Isso em 42. Hoje, o equipamento todo que se usava naquela época é obsoleto— há praticamente 60 anos... Isso é coisa velha.

V.A. – Então, seus filhos nasceram aqui em Piraí e depois iam para a escola aqui? Já tinha uma boa estrutura de escola? Como era?

A.F. – Não, aqui, não. Quando meu filho mais velho nasceu, em 42, aqui não tinha nada. Em 48, 49, aqui não tinha nada, não tinha ginásio, não tinha nada.

V.A. – Nem grupo escolar?

A.F. – Tinha um grupinho, uma escolinha da d. Maria Zezé na rua 31. Em 49, 50, eu o internei no Colégio São José, no Rio de Janeiro — o mais velho. Ele fez lá o ginásio e depois veio para cá fazer o científico, que aqui tinha o científico.

I.F. – A Escola Técnica era muito boa, inclusive, não?

A.F. – Não, era o Colégio Macedo Soares. Ele fez científico aqui e voltou para o Rio de Janeiro fazer medicina. Ele fez medicina em Niterói, na Faculdade Fluminense de Medicina.

V.A. – E a parte de saúde, hospitais? No início também era muito precário?

A.F. – Não, era bom. O hospital provisório aqui era lá onde é hoje o Jardim Paraíba, na margem esquerda do rio Brandão. Era um prédio de madeira, deve estar citado aí, um barracão de madeira.

I.F. – Depois é que fizeram o Hospital Santa Cecília.

A.F. – Ah, foi depois, foi em cinqüenta e tantos.

I.F. – Mas aí o senhor trabalhava como topógrafo. Saía com o teodolito, com outro companheiro, como era o trabalho?

A.F. – O meu trabalho era o seguinte. Na Siderúrgica, em 42, 43, 44, até 47, eu trabalhava no campo, eu e minha equipe de quatro auxiliares. Em 47 eu fui promovido a chefe de topografia, então já não media mais com instrumentos. Eu chefiava, organizava, orientava a turma para esse tipo de trabalho.

V.A. – E como era a sua rotina de trabalho? O senhor morava primeiro em Barra Mansa, depois veio para cá... E nisso o senhor tinha deixado a mulher em Pirai? O senhor a conheceu aqui?

A.F. – Eu a conheci em Fontes.

V.A. – E o senhor morava em Barra Mansa durante alguns meses.

A.F. – Eu vim em março de 42. Em novembro de 42, eu recebi a casa aqui em Volta Redonda. Mas antes disso, minha mulher veio aqui para conhecer Volta Redonda. Nessa época, eu trabalhava na construção da coqueria, junto com *mister* Morton; eu era topógrafo lá. Então, em 42 minha mulher saiu de Fontes e veio conhecer Volta Redonda. Eu não podia sair do serviço para esperá-la na estação, que ela vinha de trem. Pegava o trem em Belém, que hoje é Japeri, e vinha para cá. Então, eu chamei um auxiliar meu, um operário, o apelido dele era Marinheiro, e falei: “Marinheiro, você vai na estação esperar minha mulher, que eu não posso ir lá.” “Mas, chefe, eu não conheço sua mulher, como eu vou saber?” “O negócio é o seguinte: ela é baixinha, está com um vestido assim”— disse como ela estaria. O trem vinha aqui, chegando, ele olhou para ela, tirou o chapéu e falou: “A senhora é a esposa do meu chefe, Antônio Oswaldo Freschi?” “Sou.” “Eu vim aqui buscar a senhora para levá-la à casa do compadre Ramiro, no Acampamento Central; então, a senhora me acompanhe.” E ele passando no meio dos operários, com a minha mulher... E os operários: “Aí, compadre, arranjou para hoje.” [riso] E levou minha mulher para lá. Isso em 42.

I.F. – Nós estávamos conversando com outras pessoas, e diversão aqui não tinha nenhuma, não?

A.F. – Aqui não tinha absolutamente nada. O primeiro clube aqui foi o Aeroclube, fundado em 1943, por aí.

I.F. – Naquela época não tinha televisão, rádio, devia ser um horror...

A.F. – Aqui ninguém tinha televisão, ninguém tinha geladeira, ninguém tinha automóvel. Quem teve televisão primeiro aqui foi o engenheiro Cotrim, Nílton Cotrim.

I.F. – E já deve ter sido em cinqüenta e tantos.

A.F. – É, em cinqüenta e tantos.

I.F. – A televisão apareceu no Rio em cinqüenta e poucos.

A.F. – A primeira televisão aqui foi a dele. Depois que começou a aparecer automóvel, essas coisas todas.

V.A. – E a sua rotina de trabalho era de turnos?

A.F. – Não, das sete da manhã às cinco e meia da tarde, só de dia.

V.A. – Porque também não adianta fazer medição de terreno...

A.F. – Não, eu trabalhava à noite também. Por exemplo, quando um alto-forno parava — a campanha de um alto-forno é, digamos, de quatro e meio, cinco anos de vida ... Na parada de um alto-forno, nós fazíamos um levantamento do estado em que se encontrava o forno depois de terminada a campanha. Então, nós fazíamos um levantamento das paredes do forno, de cima até embaixo.

I.F. – Aí, dependendo desse levantamento, entraria o técnico refratário para consertar o forno?

A.F. – Depois entraria o técnico.

I.F. – Nós acabamos de entrevistar um técnico refratário, seu Siqueira.

A.F. – Sei. Aí nós fazíamos o levantamento dessa parte toda — a vida de um alto-forno levava de quatro e meio a cinco anos —, fazíamos um levantamento de como estava a situação do forno depois de terminada sua campanha, o desgaste sofrido. Tem até uma parte aqui que mostra.

I.F. – Mas o que a topografia tem a ver com alto-forno?

V.A. – É, isso eu também não entendi.

A.F. – Por isso que eu digo que não era topografia, era mais engenharia. Era mais engenharia, não era bem topografia não. Olha aqui, na página 49. Esse livro aqui, tem que ter um pouco de paciência...

I.F. – Isso é uma preciosidade.

A.F. – Esse livro é. “Altos-fornos. Alto-forno 1, desgaste da parede, desenho tal. Em 22/04/49.” O primeiro desgaste do forno foi em 49.

I.F. – É, ele começou a funcionar em 46, não?

A.F. – Em 44, 45, por aí. Aqui chamam de topografia, mas não é nada de topografia, não; é engenharia civil.

V.A. – Depois que a companhia foi construída, o senhor trabalhava muito nas expansões?

A.F. – Trabalhei em todas elas: Plano D, Plano C. O Plano A foi o inicial; Plano B, Plano C e Plano D. No Plano D, o equipamento foi todo japonês. Nos Planos A, B e C, tudo americano, o equipamento era todo americano, todo ele.

I.F. – E qual a diferença entre o americano e o japonês?

A.F. – A meu ver, o material americano era melhor. Mas quando a companhia foi fundada, o equipamento era todo americano. E no mundo inteiro, quem fazia siderúrgica eram os americanos, os japoneses não tinham nada.

I.F. – Estavam em guerra, inclusive.

A.F. – O japonês foi crescendo e tal. O Plano A, inicial, foi americano; o Plano B foi americano; o Plano C foi americano. No Plano D fizeram uma concorrência aqui para entrar o americano, o italiano e o japonês, para ver quem ganhava a concorrência para vender equipamento. O americano podia ganhar tudo, mas não ganhou, ele perdeu; quem ganhou foi o japonês. Tanto que o alto-forno 3 é japonês, estrutura japonesa. E todo o equipamento da laminação do Plano D, de expansão, foi dos japoneses.

I.F. – E esse Plano D, de expansão, começou em que época mais ou menos?

A.F. – Tem anotado aí.

V.A. – De 65. Agora, dr. Freschi...

A.F. – Doutor não, tira esse doutor.

V.A. – Com relação a compras, serviço, como era no início? Mantimentos...? O senhor disse que não tinha geladeira. Como se podia comprar coisas, serviços, mercado...

A.F. – Mercado não tinha aqui, não tinha nada. A gente aqui comprava feijão, arroz... Tinha uns armazéns na Amaral Peixoto, uns armazenzinhos aí que vendiam feijão, arroz, farinha... Agora, carne a Siderúrgica arranjava para a gente, ela vendia para a gente a preço simbólico, quase de graça.

Olha aqui: “Alto-forno n.º 2, estado do revestimento no final da campanha, maio de 66.” Agora, veja bem, esse aqui era o inicial; veja como ele ficou apertado. Tudo isso aqui fechou: escória.

I.F. – E tinha que quebrar isso tudo?

A.F. – Isso, tinha que sair tudo.

I.F. – E esse estudo, esse levantamento era o senhor que fazia?

A.F. – Nós que fazíamos.

I.F. – Com que aparelhagem media isso? Ia na boca do forno?

A.F. – Ih, isso aí era terrível! O forno apagado.

I.F. – Lógico! [risos]

A.F. – Aceso, não dava, não.

I.F. – Senão, tinha virado um diabinho torrado lá dentro.

A.F. – Tinha uma plataforma, a gente subia na plataforma e medíamos os raios.

I.F. – Lá de cima?

A.F. – Embaixo, dentro do forno. Nós descíamos em uma plataforma, o forno estava em cima, a plataforma descia; nós mandávamos parar: “Pára a plataforma.”

I.F. – A plataforma era como se fosse um elevador.

A.F. – Era uma plataforma, um elevador.

I.F. – Tinha que descer devagarinho para mandar parar.

A.F. – Ela parava e então nós sabíamos o quanto ela estava abaixo do topo do forno e nesse ponto nós medíamos os raios para chegarmos a essa conclusão aqui.

I.F. – Faziam esses desenhos.

A.F. – Fazíamos esses desenhos. E eram feitos dez, 12, 14, 15 desenhos de cada vez.

I.F. – E depois, para consertar, tinha que quebrar isso tudo e revestir.

A.F. – Nós quebrávamos tudo isso aí.

V.A. – E como quebrava isso? Como tirava a escória?

A.F. – Era com martetele. Com martetele, com marreta. Quebrava esse troço todo porque isso ficava agarrado aí. Quebrava tudo e depois fazia de novo.

V.A. – Esse aqui é que é o tijolo refratário?

A.F. – Esse aqui, amarelo, era o que existia. Esse vermelho aqui era o que foi feito depois. Então, quando parava o alto-forno, nós dávamos à companhia o estado em que ficou o revestimento do forno, de cima até embaixo.

I.F. – Que coisa impressionante.

A.F. – Uma coisa interessante também é isso aqui. Isso é um dado interessante, para as senhoras verem a grandiosidade do trabalho: “Alguns números expressivos...”

V.A. – “...sobre os trabalhos de reforma e ampliação do alto-forno n.º 2.”

I.F. – “Cobrapí, desenho e lista de materiais no valor de 80 milhões. Estados Unidos, Koppers Company, desenho [inaudível] especificações no valor de 680 milhões.

Comissão de material no Brasil e nos Estados Unidos, eletrodos, garrafas de oxigênio, carbureto, valor de 29 milhões. Mão-de-obra...” Olha o cadinho, Verena. “No forno, cadinho, carbono, as paredes de silico aluminoso na soleira. Rampa, carvão...” Tem todas as especificações.

V.A. – Quer dizer que o senhor trabalhou como topógrafo na construção propriamente dita da usina e da cidade.

A.F. – E de todos os setores da companhia. Ou seja: Campo Belo, Lafaiete, Siderópolis, Casa de Pedra. Toda a Siderúrgica. Eu trabalhei em todos os setores da Siderúrgicas além de Volta Redonda, como topógrafo.

V.A. – E quando o senhor ia para Campo Belo, Siderópolis, o senhor passava mais de um ano nesses lugares?

A.F. – Não, não. Pouco tempo. De um modo geral, nessa época eu já era chefe de topografia, orientava o trabalho.

V.A. – E a família ficava aqui?

A.F. – A família ficava aqui e eu ia embora. Em Santa Catarina eu fiquei mais tempo, seis meses; foi onde eu demorei mais.

V.A. – E a gente queria saber também a sua opinião sobre a emancipação do município, que em 54 Volta Redonda se emancipa de Barra Mansa. Mudou alguma coisa?

A.F. – Aqui era o 8º Distrito de Barra Mansa. Foi emancipado em 54 e o cabeça desse negócio foi o Sávio de Almeida Gama, que foi o primeiro prefeito de Volta Redonda também.

V.A. – E o senhor acha que não mudou muito?

A.F. – A meu ver, não teve alteração quase nenhuma, não.

I.F. – Mas a cidade foi crescendo muito nesses anos, não? Ficou uma parte completamente isolada, que é a parte ligada à CSN, e a outra parte foi crescendo meio solta. Tem uma divisão muito grande?

A.F. – Não, aqui tinha o seguinte. Tinha o que nós chamamos de Companhia Siderúrgica que era o que é aqui dentro: Laranjal, Vila Santa Cecília, Conforto. E tinha o que eles chamam de Volta Redonda. Falavam assim: “Aonde você vai?” “Vou a Volta Redonda.” Fora daqui — a avenida Amaral Peixoto — é conhecido como Volta Redonda.

I.F. – Niterói também.

A.F. – Niterói. Niterói é fora, não tem nada que ver com a Siderúrgica, não; é outro bairro. Aqui são os bairros nossos, da Vila, mas lá fora... Aqui não tinha absolutamente nada. Nada, nada, nada.

V.A. – E o senhor, em novembro de 42, foi para essa casa na Vila. E morou lá quanto tempo?

A.F. – Vinte anos.

V.A. – E depois o senhor veio para cá?

A.F. – Não. Depois eu comprei uma casa onde é hoje a Clínica São Camilo; aquela casa era minha, na rua 154, 50.

V.A. – E isso é em que bairro?

A.F. – Laranjal. Lá embaixo, onde tem a São Camilo, do Reginaldo. Eu vendi para ele para vir para cá; fiquei 20 anos lá e estou há 18 aqui.

I.F. – Esta casa, o senhor construiu ou comprou pronta?

A.F. – Esta aqui eu construí.

I.F. – O senhor, então, gosta de Volta Redonda. Ficou aqui sempre?

A.F. – Me adaptei. Fui ficando, ficando, fiquei velho aqui.

I.F. – Agora, Volta Redonda, há quem diga que só existe em função da guerra. Por um lado, porque teve um auxílio do governo americano, com um financiamento, por causa da guerra; por outro lado, pela necessidade do Brasil se desenvolver, já que não podia importar determinadas coisas. O senhor acha que a guerra teve, realmente, muita influência no desenvolvimento da CSN?

A.F. – Eu acho que teve.

I.F. – Em que sentido?

A.F. – Teve. A companhia foi fundada em 9 de abril de 1941 mas as obras começaram em 42, aqui em Volta Redonda. As obras iniciais aqui foram oficina de preparação elétrica, mecânica, almoxarifado — para dar sustentação à usina. Aí vieram os americanos para cá. Foi construído, então, o Hotel Bela Vista, lá em cima. Aquele hotel foi construído com a finalidade de hospedar os americanos. Cada setor da companhia — coqueria, aciaria, laminação, altos-fornos — cada setor desses tinha dois, três, quatro engenheiros americanos, que eram os supervisores. Os projetos iniciais aqui eram, todos eles, americanos. Sistema inglês: pé e polegada. Depois começou-se a fazer pelo sistema nacional, que era o nosso projeto, o sistema métrico. Quando a guerra terminou, em 45 — isso é muito interessante —, a maioria dos americanos foi embora. Deu para entender? Quer dizer, chega-se à conclusão de que havia muito interesse do americano nesse negócio aqui. Mas em 45, foram embora; terminou a guerra, foram embora. Isso aqui ficou por nossa conta, então. De 45 para cá, vinha de vez em quando um americano dar uma orientação, ensinar alguma coisa que nós ainda não sabíamos. Mas eu não vou chegar ao ponto de dizer que houve influência total só por causa da guerra. Havia também uma vontade do Brasil ter a sua siderúrgica. Havia uma vontade do governo brasileiro de ter a sua siderúrgica, de se emancipar na parte siderúrgica.

V.A. – E o senhor acha que essa vontade foi impulsionada mais por conta do presidente Getúlio Vargas, que tomou isso como uma missão?

I.F. – Militares nacionalistas?

A.F. – Não, não. Aqui — que interessante! — não teve muita influência militar não. A influência militar que teve aqui foi o Macedo Soares, que era o diretor técnico. O coronel Ciro, na ocasião, era tenente quando veio para cá — tenente Ciro Borges. Ele trabalhava na fundição como engenheiro. E o coronel Pena. Mas aqui tinha o Macedo Soares, que era o diretor técnico.

I.F. – Sílvio Raulino.

A.F. – Sílvio Raulino de Oliveira foi depois. Primeiro, foi Guilherme Guinle o presidente da companhia. Depois veio o presidente Sílvio Raulino de Oliveira. Depois foi que veio o Macedo Soares como presidente. E ficou pouco tempo também como presidente. Mas aqui em Volta Redonda não houve muita influência militar, não; quase nenhuma. Na aciaria tinha um militar, o coronel Pena que na ocasião era capitão, capitão Pena. Ele era engenheiro da aciaria, não tinha influência nos demais departamentos, nos demais setores, não. Era engenheiro da aciaria. O major Ciro era tenente da fundição, ele trabalhava na fundição especificamente.

V.A. – E o senhor acha que essa idéia de fazer a grande siderúrgica foi um projeto — muitos falam isso — do próprio presidente Vargas, que tinha isso em mente: transformar o Brasil, de um país de vocação agrária em um país de vocação industrial, que fortalecesse sua industrialização e para isso precisava de uma grande siderúrgica? O senhor acha que houve essa vontade política do grupo que veio com a Revolução de 30?

A.F. – Eu acho que houve essa vontade, sim.

V.A. – Porque realmente não havia um exemplo semelhante.

A.F. – A Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda foi a primeira do Brasil. Do Brasil, não, da América do Sul. Depois dela veio a Cosipa, veio a Usiminas, veio aquela outra...

I.F. – A Mannesmannn.

A.F. – A Mannesmannn, não, a Mannesmannn era pequena. As grandes são a Siderúrgica Nacional, a Cosipa, agora a de Tubarão.

I.F. – E o senhor acha que o país modificou, depois de Volta Redonda?

A.F. – Olha, eu não notei diferença, não. O negócio é o seguinte: quando começaram a fazer, por exemplo, os automóveis, era um tal de enferrujar tudo, não sei se lembram disso? Enferrujava tudo; se comprava um carro hoje, dois meses depois estava todo enferrujado. Hoje, não, hoje já mudou; a chapa nossa hoje é boa.

I.F. – Mas isso exige mesmo um tempo, não?

A.F. – Foi uma mudança vagarosa, não? Muito vagarosa. O carvão nosso, por exemplo: vinha 20% ou 30% de carvão nacional, o restante era americano. Hoje aqui nem se usa mais esse carvão.

I.F. – Ninguém usa mais o nacional, é todo importado.

A.F. – Todo importado, nem se usa mais... Lá em Siderópolis, por exemplo, onde antigamente era Beluno, é um desperdício, é até um pecado isso: tem praticamente 60 milhões de metros quadrados...

[FINAL DA FITA 1-B]

A.F. - ...óleo de dendê, não sei se ainda estão mexendo lá. Eu saí da Siderúrgica em 1968.

V.A. – O senhor se aposentou em 68?

A.F. – Me aposentei em 68.

I.F. – Pediu aposentadoria?

A.F. – Pedi. Eu estou aposentado há 30 anos. Eu me aposentei e ainda trabalhei 23 anos na Cobrapi.

I.F. – O dr. Renato também trabalhou lá.

A.F. – Doutor Renato eu acho que não. Na Cobrapi?

V.A. – Ele foi diretor da Cobrapi.

A.F. – Eu não me lembro.

V.A. – Eu estou vendo que nesse seu livro precioso está escrito Cobrapi.

A.F. – CSN e Cobrapi.

V.A. – As duas coisas estão aí juntas?

A.F. – CSN e Cobrapi.

V.A. – Todo o seu trabalho na CSN e na Cobrapi, está certo?

I.F. – E por que se aposentar na CSN e trabalhar na subsidiária da CSN?

A.F. – Podia, tanto que eu trabalhei. Eu entrei para a Cobrapi em 68, no mesmo dia que eu saí da Siderúrgica; não perdi um minuto.

I.F. – Aposentou-se aqui e começou a trabalhar lá. E era mais interessante ou era igual o trabalho? Como era?

A.F. – Na Cobrapi eu trabalhava como projetista de linhas férreas. Trabalhei lá 23 anos.

V.A. – E era aqui mesmo em Volta Redonda, a Cobrapi?

A.F. – A Cobrapi pegava serviços fora também.

V.A. – Mas a sede era aqui?

A.F. – Era aqui, lá perto da fazenda Santa Cecília.

I.F. – E essas linhas férreas eram para transporte do ferro, do aço, do coque...

A.F. – Era linha férrea dentro da usina, o parque ferroviário da usina.

V.A. – A usina, para a gente que é de fora e nunca vivenciou, acha que é um trabalho muito pesado e muito perigoso até. Então, a gente gostaria de saber: no início, quando ela entrou em operação, como era a questão da segurança? O senhor mesmo, quando ia trabalhar já em operação, usava uniformes especiais?

A.F. – Não. Aqui, inicialmente, não se usava nada.

V.A. – Mesmo depois, na operação.

A.F. – Depois é que começou. Depois de um certo tempo é que começaram a dar uniformes — para o pessoal da operação. Pessoal de construção, não. Eu, por exemplo, era de construção, não era de operação.

V.A. – E o senhor não tinha equipamento de segurança?

A.F. – A única coisa que a gente tinha era chapéu, o capacete. Mais nada. O pessoal, por exemplo, da coqueria, do alto-forno, eles tinham as capas térmicas.

V.A. – E quando o senhor ia estudar o alto-forno, depois da...

A.F. – Não tinha nada, nada, nada. Só o capacete, mais nada. Entrava dentro do alto-forno pensando em Deus, mais nada. Era perigosíssimo, mas não tinha nada. Depois, a companhia foi indo, foi fazendo uniforme para a turma, chapéu, foi dando assistência ao pessoal, porque havia muito acidente.

V.A. – Havia muito acidente de trabalho?

A.F. – Muito acidente. Depois, não. Tudo era perigoso.

V.A. – A gente, que é de fora, acha muito perigoso. E é um trabalho basicamente masculino, não? Ou tinha mulheres trabalhando nessa época?

A.F. – Não. Tinha mulher, por exemplo, na escolha das chapas, na laminação — hoje eu acho que não tem mais —, selecionando chapas. Essas chapas de folha-de-flandres, chapas finas — elas selecionavam as chapas de primeira e de segunda. Sabiam disso?

I.F. – Eram as tais mulheres “vira-latas”.

A.F. – “Vira-latas”. Elas selecionavam as chapas pelo tato. Mas era no fim da laminação. Eram moças, senhoras.

I.F. – É um trabalho muito pesado, tipicamente masculino, como a Verena disse, não?

A.F. – Esse das vira-latas?

I.F. – Não, o resto.

A.F. – Ah, o resto era um trabalho masculino. Até hoje não tem mulher nesse tipo de trabalho, na operação da usina. Nunca teve. Hoje não sei se ainda tem vira-lata, acho que não tem mais.

I.F. –Esse sistema moderno de computadores, com um certo controle, deve estar facilitando muito a entrada de outro tipo de gente, mulheres inclusive, não está não?

A.F. – A meu ver, essa parte de computadores, de controle, só fez uma coisa: o trabalho difícil.

I.F. – Tirou emprego dos outros.

A.F. – Tirou emprego. Onde, digamos, podia-se botar dez pessoas trabalhando, hoje não precisa de ninguém — uma maquininha lá resolve tudo. Foi prejudicial quanto à parte de assistência ao trabalhador. Agora, quanto ao proprietário da coisa, não.

I.F. – Uma das coisas que me assustam muito no mundo moderno é esse avanço tecnológico, em que a gente está vendo cada vez mais gente desempregada.

A.F. – O avanço tecnológico é um dos grandes responsáveis pela miséria do mundo. Os Estados Unidos estão sofrendo também o desemprego. O desemprego não é só no Brasil, não. A turma condena aí o Fernando Henrique — eu não gosto dele, não; não votei, nem voto mais, dei baixa no meu título —, mas esse desemprego não é só no Brasil, não; é no mundo inteiro.

V.A. – E o senhor, olhando Volta Redonda hoje, daqui do alto do Laranjal, lembrando aquela primeira vez em que o senhor chegou aqui e não havia nada, qual a sensação que o senhor tem da cidade, da usina e do seu papel fundamental na construção disso que está aí?

A.F. – Isso é muito relativo. Por exemplo, uma pessoa que conheceu Volta Redonda, que esteve aqui em 41, 42 como eu estive, foi embora e volta hoje, vai ter uma sensação — “Puxa vida, esse negócio aqui cresceu muito!”—, vai ficar emocionado. Mas eu não sinto nada porque acompanhei isso aqui desde o começo. Então, para mim, ver muita coisa que eu vejo aí em Volta Redonda, uma casa hoje, amanhã tem outra, vai crescendo, eu acompanhei o desenvolvimento e não tenho emoção nenhuma.

V.A. – O senhor faz parte do desenvolvimento, não só acompanhou como foi uma peça fundamental.

A.F. – Fiz parte e acompanhei toda a cidade, todo o desenvolvimento da cidade e da usina.

V.A. – O senhor conhece a cidade como a palma de sua mão.

A.F. – Conheço. Mas vou sentir o quê? O que a senhora acha que eu vou sentir?

V.A. – Não sei.

A.F. – Sensação, não sinto nenhuma porque é muito relativo. A senhora, por exemplo, que não conhece Volta Redonda, vem aqui e vê esse negócio, é um monumento.

I.F. – Eu confesso ao senhor que, há uns dois meses, quando eu entrei na usina, que vi aquelas fornalhas, aquele panelão que parece panela de bruxa incendiando, eu fiquei profundamente impressionada.

A.F. – Fica, a pessoa fica impressionada. Mas quem vê a primeira vez, vê a segunda e fica 30 anos, como eu estou aqui há 58 anos vendo esse negócio crescendo, o sujeito não sente emoção, não dá para sentir emoção. O sujeito sente um certo orgulho em ter participado do que hoje existe aí. Principalmente uma pessoa como eu, que posso me considerar um dos pioneiros de Volta Redonda, porque eu trabalhei no início da usina, na terraplanagem da usina quando não tinha nada lá dentro. Na usina foi feita terraplanagem porque ela tinha pequenas elevações e sofreu um aterro; a usina aí é aterrada, para evitar inundação do rio Paraíba. Então, quem viu a usina como eu vi, que não tinha absolutamente nada, apenas um matagal, um goiabal lá na beira, um coqueiral como eu disse antes, na beira do rio, onde foi feita a coqueria, o sujeito sente um certo orgulho em ter participado dessa coisa toda, em ter visto uma cidade crescer, ter visto uma usina nascer, como eu vi. Mas, emoção, por exemplo, como a senhora sentiu quando viu aquela panela, ficou emocionada, ficou até assustada, hoje o sujeito olha para aquilo até como uma certa indiferença.

V.A. – E quando o senhor foi encontrar com *mister* Morton, não havia mesmo nada, nem uma construção qualquer?

A.F. – Nada, absolutamente nada.

V.A. – Só os coqueiros.

A.F. – Só, mais nada.

V.A. – Nem uma casinha?

A.F. – Tinha um barracão lá para guardar picaretas e pás. Não tinha nada lá, nada. Na usina não tinha absolutamente nada.

V.A. – Aí o senhor falou com ele? Como foi isso?

A.F. – Ele perguntou: “O que você está procurando?” “Eu estou procurando o *mister* Morton.” E *mister* Morton era ele. E lá foi feita a coqueria.

V.A. – Mas e quando o senhor se apresentou a ele?

A.F. – Eu falei: “Eu sou topógrafo, vim aqui porque o senhor está precisando de um topógrafo para lhe ajudar e eu vim aqui para isso.” Então, eu trabalhei na construção da coqueria junto com ele. Ele era o técnico americano, engenheiro americano, o chefe, o supervisor americano. E eu, como brasileiro, topógrafo daquela região lá. E uma parte interessante é que eu era uma pessoa muito querida dele e minha mulher, em 42, morava em Fontes, Piraí. E em junho ou julho de 42, quando nós estávamos fazendo já alguma coisa na usina, na coqueria, eu era responsável pelas concretagens na coqueria — eu é que fazia a verificação das fôrmas, não se colocava concreto em lugar nenhum da usina sem a topografia fazer a devida verificação.

V.A. – Por quê? O que podia acontecer se não houvesse a verificação?

A.F. – O negócio é o seguinte. Existia um projeto: vamos fazer, digamos, uma bateria de fornos. Essa bateria compõe-se de uma laje, pilares, então tem os desenhos, e os carpinteiros, mestres-de-obra, faziam as fôrmas, colocavam as ferragens, nós locávamos os chumbadores, parafusos para receberem as máquinas e, antes de fazer a concretagem, nós verificávamos se as fôrmas estavam de acordo com o projeto. Então, essa parte era nossa. Nós que verificávamos toda a parte de fôrmas. E não se colocava concreto sem nós, da topografia, darmos o *okay*. Numa dessas fases, eu estava lá em Fontes e, nessa época, não existia a estrada Dutra asfaltada, não; existia uma estrada de terra Rio-São Paulo. A serra é a que existe hoje, a serra velha, lá para baixo é a mesma coisa. Aí, passava por Getulândia, Passa Três, depois entrava naquela estrada que vai para Angra. Numa dessas vezes, eu fui a Fontes passar o fim de semana com minha mulher. E eu, quando voltava, pegava o ônibus em São Joaquim, perto de Piraí, na entrada da Light. O ônibus passou e não parou, às cinco e meia da tarde. E eu tinha que verificar fôrmas no dia seguinte, de manhã, na segunda-feira, para colocar concreto. Se eu não verificasse, eles não colocavam concreto porque eu era a pessoa de confiança do *mister* Morton. Então, o que aconteceu? Eu vim a pé — vim a pé! — de São Joaquim até aqui; andei a noite inteira.

V.A. – O senhor saiu às 5:30 da tarde e chegou aqui que horas?

A.F. – Às 7:30 da manhã.

V.A. – Quatorze horas andando?

A.F. – Sem parar, para cumprir a minha obrigação. Para cumprir a minha obrigação de verificar as fôrmas e colocar concreto. Isso era Volta Redonda. E assim como eu, tinha muitos outros.

V.A. – A gente sentiu, em muitas pessoas, como elas se dedicavam muito, de corpo e alma.

A.F. – A dedicação das pessoas a Volta Redonda era, digamos, 100%.

I.F. – Pois é, isso é que eu queria entender: o que forçava vocês todos a terem essa dedicação? Era uma admiração pela obra que vocês já conheciam? Tinha palestras explicando o que era? Eram os jornais que divulgavam a grandiosidade disso? O que levava, desde o engenheiro até o que nós entrevistamos ontem, o seu Siqueira, que colocava tijolo refratário, terem essa noção de responsabilidade e de compromisso com a CSN?

A.F. – Todos nós trabalhávamos com entusiasmo. No início de Volta Redonda, nós, os funcionários de uma certa categoria, não tínhamos ponto, bater cartão, esse negócio. Mas também não tínhamos horário, saíamos de casa sem hora para voltar. E o entusiasmo nosso era ver a grandiosidade da obra. Nós tínhamos, na Vila, de onde tiraram terra para aterrar onde é a usina hoje, máquinas que... De tarde, quando chegava em casa, tinha um morrinho lá; no dia seguinte, quando você levantava, esse morro já não estava mais lá. Mas o entusiasmo nosso era ver a grandiosidade — tinha um desenho da usina, aquela grandiosidade, aquele negócio enorme.

I.F. – Mas todos tinham acesso a esse desenho?

A.F. – Não.

I.F. – Eu perguntei ao seu Siqueira: “O senhor, quando estava colocando aquele tijolo naquele forno, tinha noção da grandiosidade disso?”

A.F. – Tinha. Ele tinha, não tinha?

I.F. – Tinha. Como? Por quê? Tinha desenhos, tinha palestras?

A.F. – Palestra não tinha. O que tinha era o seguinte: muita boa vontade do pessoal todo. Esse pessoal do refratário, inclusive seu Siqueira, de quem eu não me lembro — ele não foi do meu tempo... Era uma coisa enorme, uma coisa de grandiosidade, tudo aqui era grande; então, o sujeito se entusiasmava. Tinha muito trabalho, todo mundo trabalhava com ânimo. Siderúrgica Nacional, ninguém sabia o que era siderúrgica. Ouvia falar em siderurgia na Itália, na França, na Alemanha, nos Estados Unidos — no Japão ainda não se falava muito, não, mas nos Estados Unidos se falava muito em siderúrgica, falar em aciaria, fazer aço. Então, o pessoal queria ver fazer aço, ia ver a aciaria fazer aço. Então, o pessoal queria trabalhar para aquele negócio sair logo para ele ver sair o aço de lá ou sair o gusa do alto-forno. O entusiasmo era esse: o sujeito tinha em mente a grandiosidade que estava esperando por ele; todos nós: engenheiros, operários, técnicos.

V.A. – Como o senhor disse, no início ninguém acreditava.

A.F. – Ninguém acreditava, inclusive eu não acreditava que esse troço fosse para a frente, não.

V.A. – Mas aí, os senhores trabalhavam querendo acreditar?

A.F. – Nós trabalhávamos querendo acreditar. Não sei se vocês entrevistaram outros que também disseram que não acreditavam muito. O pessoal não acreditava muito nesse negócio, não, mas o entusiasmo era geral, era geral. Houve uma fase na usina, por

exemplo, em que o sujeito saía de manhã, ia para a usina... E todo mundo trabalhava e tinha noção de responsabilidade e de amor ao trabalho. Todos nós, tanto de topografia como a parte de mecânica, como a parte civil. A parte atuante dentro da usina... O engenheiro Azevedo reconhece que a minha parte foi muito importante.

I.F. – Ele fala muito no senhor.

V.A. – Tanto ele quanto o dr. José Moraes, que também falou muito no senhor.

A.F. – A parte nossa na usina foi muito importante; nós trabalhávamos em todas as áreas da usina, em todos os setores. Eu, por exemplo, hoje não conheço praticamente ninguém. “Ah, fulano de tal.” — não sei quem é, mas ele me conhece. Eu sou muito conhecido, todos me conhecem. Mas eu não conheço quase ninguém, porque eu virava a usina inteira, rodava por todo esse negócio aí. E tanto eu como os outros, nós tínhamos amizade pela companhia, nós tínhamos amor, trabalhávamos com vontade. Por aqui, por exemplo, passaram mais ou menos uns dois mil engenheiros. Agora, nem todos exerceram a função de engenheiro mesmo, mas muitos exerceram. O Azevedo, por exemplo, foi chefe do alto-forno, trabalhou no alto-forno 1, trabalhou acho que no 2 também, e depois ele foi diretor da companhia e foi um excelente diretor. O Moraes também. Teve muita gente boa.

V.A. – O senhor falou que nem todos exerceram a função de engenheiro, que tinha muitos engenheiros mas nem todos foram engenheiros. Trabalhavam mais em escritório?

A.F. – Na parte burocrática. Não era o caso do Moraes nem do Azevedo e de muitos outros. Mas na parte de engenharia mesmo, não foram muitos, não. Agora, eu me orgulho em dizer às senhoras que a minha parte, a parte que se chama de topografia, foi uma parte muito importante na companhia. Disso eu sinto orgulho, um imenso orgulho, porque eu olho para a usina e digo: “Isso que está aí, em todo canto teve a minha mão.” Em todo canto, na Vila, na cidade toda aqui, na usina e em todos os setores da companhia.

I.F. – O dr. Renato me disse que, no início, ficaram muito na dúvida se colocavam a usina na beira do rio e faziam a vila para cá ou se colocavam a vila na beira do rio e a usina no lugar da vila. Aí fizeram uns estudos da direção do vento e chegaram à conclusão que, pela fumaça, deveria ser a usina onde está e a vila para dentro. O senhor já via, naquela época, esse problema e tinha alguma preocupação com a fumaça, com os problemas ecológicos?

A.F. – Isso aí foi o seguinte. Em 1942, quando eu ganhei casa aqui na companhia, o então coronel Macedo Soares morava na rua 31, esquina de 44, onde tem uma escola hoje, uma casa enorme. Ele morava lá e eu morava na 44 e me dava com ele, ele gostava muito de mim. Um dia eu perguntei a ele: “Coronel, por que nós estamos fazendo a cidade aqui e não lá para trás?” Eu fiz essa pergunta a ele. “Não, Freschi, aqui está muito bem, está longe da usina.” Nós estamos dentro da usina, estamos com o nariz na usina, quando a cidade podia ter sido feita quatro quilômetros lá para trás. A companhia tem um terreno aqui, tinha, na ocasião, 30 milhões de metros quadrados e a usina ocupa apenas 3,5 milhões. Então essa cidade podia ter sido feita lá para trás. Esse estudo aí de vento... A predominância do vento aqui é uma coisa muito relativa. Já na

ocasião eu explicitarei isso aí. Leiam aqui, 93: isso aqui é a área ocupada pela usina, de 3.662.000 metros quadrados, quatro milhões praticamente. Quando foi feito esse trabalho aqui, todos esses terrenos eram pertencentes à Companhia Siderúrgica Nacional, um total de 29 milhões. Isso tudo, essa parte toda.

I.F. – Poderia ter feito a usina aqui e a cidade aqui.

A.F. – A cidade aqui.

V.A. – São 29.422.000, com mais esses dois pedacinhos aqui.

A.F. – Então a usina foi feita aqui ocupando uma área de apenas quatro milhões de metros quadrados, quando ela possuía 30 milhões. Então ela usou pouco mais de 10% da área que ela comprou — não desapropriou, ela comprou. Então, tudo isso aqui era dela e a cidade podia ser aqui ou aqui, podia ser para cá.

V.A. – E qual era a necessidade de se ter comprado 29 milhões de metros quadrados?

A.F. – Aí é que está o negócio. Quando ela comprou de Néelson Godói, essa parte toda aqui, o Néelson Godói queria vender a fazenda dele e não um pedaço da fazenda; então ele vendeu a fazenda. Ele não ia pegar um pedaço da fazenda e vender uma tira da fazenda; ele vendeu a fazenda de porteira fechada. Então, veja bem — a sua pergunta é muito interessante e aquela parte de desapropriação se encaixa exatamente no que eu vou dizer agora —, por que a companhia comprou tudo isso? Pergunta lógica, acertada, bem feita. A companhia não precisava comprar esse negócio todo aqui, e o que faria? “A companhia vai desapropriar.” E desapropriar o quê? Apenas o que ela precisava para fazer a usina; o resto, não, o resto ela compraria, não ia desapropriar. Então, desapropriaria a parte em que seria feita a usina: “Aqui vai ser feita a usina; não tem conversa, vamos desapropriar.” Desapropriaria quatro milhões de metro quadrados e não 30 milhões. Então, essa parte toda aqui, que está citada lá, na compra — a primeira compra foi essa do Néelson Godói — que diz que foi desapropriada de acordo com o decreto — foi citado o decreto, não sei se com má intenção... Eu sei que a companhia, depois, andou sendo prejudicada por causa desse decreto. Ela andou vendendo terrenos aqui dentro não para fins siderúrgicos, e ela foi multada. Não sei se quando fizeram esse decreto aí já foi pensando nisso, não vou dizer que foi...

V.A. – E quais eram os planos do então coronel Macedo Soares para essa outra parte aqui? Ele falou com o senhor?

A.F. – Não tinha nada, não tinha plano nenhum aí. Ninguém tinha nada, não tinha nada a ver.

V.A. – Hoje em dia, o que tem aqui?

A.F. – Aqui não tem nada, aqui também não tem nada. Para cá tem a cidade [inaudível], um bairro lá para trás, tem um bairro por aqui assim, e nessa parte aqui da Cicuta tem uma mata linda.

I.F. – Onde fica o Aterrado?

A.F. – O Aterrado aqui não aparece porque ele é de terreno fora da Siderúrgica. O Aterrado é aqui assim. Esse pedacinho aqui é o Aterrado. Esse terreninho aqui, o 9, a companhia comprou também, do Sanches.

V.A. – Rafael Sanches.

I.F. – E Niterói, do lado de cá?

A.F. – Niterói é na margem esquerda do Paraíba.

V.A. – E onde era a Vila do Sapo?

A.F. – Vila do Sapo? Não sei não.

I.F. – Seu Juca da Banda disse que, quando veio morar aqui, morou na Vila do Sapo, que era na beira do rio, tinha uns casebres.

A.F. – Podiam chamar de Vila do Sapo — batizam o negócio lá e fica — mas não é conhecida. O Aterrado é aqui assim e a companhia comprou isso tudo. Para que ela comprou isso tudo? Ela podia comprar mais um pedaço para a cidade, porque a cidade foi projetada também pelos americanos.

I.F. – Ah, isso eu vi, todo o projeto americano, aquelas casas sem muro.

A.F. – O projeto foi americano, toda a cidade aqui foi projeto americano. Então podiam comprar o terreno, que eles já tinham noção de quanto eles precisavam para fazer a cidade... Hoje nenhuma companhia mais faz isso: a Cosipa não fez isso, não fez casa para ninguém, Tubarão não fez casa para ninguém... A Siderúrgica fez porque tinha que fazer. Naquela época, Barra Mansa não comportava ninguém, aqui não tinha nada, então tinha que fazer a cidade. Então, ela sabia que precisava, digamos, de uma área, que é essa 1 aqui, de quatro milhões de metros quadrados, que corresponde mais ou menos à área da usina, a usina com 3,600 milhões, e a cidade com quatro milhões de metros quadrados. Juntava quatro e quatro: oito, e não 29. Por que ela comprou tudo isso?

V.A. – Por que comprou?

A.F. – Não sei. Como eu disse, aquele fulano só vendia a fazenda inteira, de porteira fechada. Então, aqui foi feito isso. A captação d'água foi feita aqui. Isso é uma coisa também, como a senhora vê aqui: o braço principal do rio Paraíba é à esquerda da ilha. Está vendo a ilhazinha aqui? A captação d'água está aqui, quando devia ter sido feita do lado de lá porque lá é o braço principal do Paraíba. Então a companhia, em 41, está aqui: “Levantamento planimétrico escala de 1 para 1.000, executado pelo Escritório Técnico de Topografia e Urbanismo em 1941. Esse escritório técnico fez esse levantamento, mas ninguém tinha noção de onde era a folha 26, onde era a folha 15. Então eu fiz esse desenhinho aqui, na escala de 1 para 50.000 e botei [inaudível] aqui dentro. Então, a companhia, quando mandou fazer o levantamento, já mandou fazer o levantamento do que ela ia precisar [inaudível]. Então, já sabia *a priori* que ela precisava dessa área aqui e não...”

V.A. – E isso aqui é o quê?

A.F. – Isso aqui é Volta Redonda.

V.A. – Já fora da CSN.

A.F. – Fora da CSN. A companhia então mandou fazer o levantamento dos terrenos que ela ia precisar. Ela precisava do quê? Dessa ...

[FINAL DA FITA 2-A]

A.F. – Esse livro foi todo feito por mim.

V.A. – Essa letra é sua também?

A.F. – É, tudo aí é meu; 277: aqui está o município de Volta Redonda, que tem uma área de 164 km². Aqui, a CSN — a captação da água é aqui e aqui a usina. Barra Mansa é para cá.

I.F. – Então, a Vila é quase no limite com Barra Mansa.

A.F. – Não, o limite é aqui assim. O Conforto já está dentro de Volta Redonda. Parte da usina de Volta Redonda pertence a Barra Mansa.

V.A. – Então, uma parte da CSN fica em Barra Mansa.

A.F. – Em Barra Mansa. Agora, muito pouca gente sabe, ou quase ninguém, que uma parte dos terrenos da companhia estão dentro do município de Piraí.

I.F. – Estou vendo aqui.

A.F. – Quase ninguém sabe disso. Ninguém lhe falou isso, falou?

I.F. – Não, é a primeira vez e eu estou vendo aqui.

A.F. – Isso é bom nem comentar porque senão Piraí vai querer cobrar imposto. [riso] Eu lhe garanto que muito pouca gente sabe desse detalhe.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

I.F. – E o clima de Volta Redonda, dizem que no verão é brabo de quente.

A.F. – O negócio é o seguinte. Meteorologia é a parte climatológica. Então: “Meteorologia, valores médios e valores extremos — 161 e 171, 171 e 173.” Valores médios e valores extremos, 171 e 173.

V.A. – É a página 171.

A.F. – 171 está aqui: “Dados meteorológicos de Volta Redonda. Valores médios...”

I.F. – Temperatura mínima de 17°?

A.F. – Não, valores médios. Agora, valores extremos: o mais quente e o mais frio. Hoje a mínima em Volta Redonda é 16°, 18°. Eu fiz até 66, porque em 1966 eu comecei a passar o serviço para o engenheiro Gastão Goulart de Moraes, que ficou em meu lugar e já se aposentou também... Desde 66, quando eu estava passando para ele, não me interessei mais. Então, veja bem: a temperatura mínima de Volta Redonda atualmente é em torno de 13°, 14°. Esse é um detalhe interessante para ser anotado —, e o clima de Volta Redonda, em 1953, foi 4,2°, a mínima e 36,8°, a máxima.

V.A. – Valores extremos.

I.F. – 38° aqui.

A.F. – 37°, 38°.

I.F. – Então já fez muito frio aqui.

A.F. – Já fez muito frio aqui, mas muito mesmo. Olha aqui: 4,7°, 5,7°, 6,1°, 5,7°, 3,9°, 6,5°. Esse é um dado interessante que seja comentado, como mudou...

V.A. – E por que o senhor acha que mudou?

A.F. – Deve ter mudado em função da aglomeração de casas, de edifícios, da usina. Não é, digamos, o calor do alto-forno nem calor da aciaria.

I.F. – De gente mesmo, calor humano, derrubando árvores.

A.F. – Derrubando árvores. Tinha muita vegetação que hoje não tem mais. Aqui era considerada uma cidade-jardim. Nas enchentes, o Paraíba invadia quase a toda Volta Redonda antiga — hoje, onde tem o Detran sabe onde é? Em Volta Redonda velha, onde tem uma igreja metodista, aquilo lá alagava. Onde hoje é o Aterrado. Aquilo tudo alagava, era tudo um alagado.

V.A. – E por que não alaga mais?

A.F. – Porque aterraram. Então, isso aqui é interessante ser anotado: a variação de temperatura. Volta Redonda passou a ter 16°, 17°, 18° de temperatura mínima, que já foi de 3,9°. Esse também é um detalhe que muito pouca gente sabe. Outra coisa aqui é o rio Paraíba: quanto a elevações, página 187. “Elevações, rio Paraíba. Nível de água máximo observado.” O nível da usina... A altura da usina é 376 acima do nível do mar — o pátio da usina.

I.F. – Está 376m acima do nível do mar.

A.F. – É : 375,818, praticamente 376 acima do nível do mar. E o nível máximo do rio Paraíba, observado na ponte de Niterói e na captação d’água, que é onde mais interessa à companhia, chegou, até 1967, ao máximo de 372,580; ainda ficou três metros abaixo do nível da usina. Com a elevação, a usina ficou a 376m acima do nível do mar. E o nível máximo do Paraíba, na captação d’água, foi 372,500. Quer dizer, a usina ficou sempre praticamente três metros acima do nível máximo do rio Paraíba.

I.F. – E se de repente mudar esse negócio?

A.F. – A tendência é só diminuir, porque o consumo d'água aí para cima é muito grande. Tem a represa do Funil aí em cima, que hoje não enche mais o Paraíba como enchia antes.

V.A. – Dr. Freschi...

A.F. – Tira esse “doutor” daí.

V.A. – ...a gente pode, eventualmente, tirar alguma cópia de alguma página deste livro precioso? A gente pode ter acesso a ele?

A.F. – Pode. Este livro aqui é meu, particular, não é da companhia.

V.A. – Pois é, eu estou perguntando para o senhor mesmo.

A.F. – Este livro é meu. E não é porque é meu, mas ele tem uma história muito grande. Esta história aqui, por exemplo, a parte de desenhos, altos-fornos, os desenhos todos, coqueria, laminação, aciaria, [inaudível] metálica, fundição, parte de minério, rio Paraíba... Nem tudo que está aqui interessa para vocês, mas muita coisa interessa. Por exemplo, essa parte de levantamentos topográficos que a companhia fez... Veja bem, uma pessoa quer fazer uma casa aqui onde eu fiz; então, não vai fazer o levantamento de Volta Redonda inteira, vai fazer apenas de onde vai fazer a casa. Foi o caso da Siderúrgica: ela mandou fazer um levantamento que é este que está aqui, desta parte toda aqui.

V.A. – E essas folhas estão guardadas onde, as que o senhor até marcou? Elas estão no seu livro também?

A.F. – Não. Aí é que está... 73... Está aqui: “Indicação das folhas do levantamento aerofotogramétrico executado pela Cruzeiro do Sul — aí já é outra coisa — em 63.”

V.A. – Essas folhas estão onde?

A.F. – Isso aqui: “Nota: levantamento executado em 41, vide planta DTM 330.” Isso está no arquivo da companhia, todas elas. Isso aqui já é outra coisa, é um terreno em Itacuruçá e Coroa Grande.

V.A. – Era para a Cobrapi que o senhor fazia isso?

A.F. – Não, era para a Siderúrgica.

V.A. – A Siderúrgica também tem terreno em Itacuruçá?

A.F. – A Siderúrgica tem terreno que ela nem sabe onde é. [risos] Eu estou falando coisas que depois podem até me comprometer... Em todo caso, não tem importância, não.

V.A. – Essas folhas aqui estão no arquivo da Siderúrgica?

A.F. – Da Siderúrgica. Antigamente, tinha esse troço, mas a companhia dizia: “Olha, faz o levantamento até aqui.” Mas ninguém sabia esse até aqui onde era em relação ao desenho. Então eu boleei esse troço; esse desenhinho aqui é meu. Eu fiz esse desenhinho para botar onde estão as folhas. Por exemplo, aqui dentro da usina, as folhas tais, tais e tais, levantamento lá dentro. “Indicação das folhas...”, Não estou dizendo que fui eu que fiz o levantamento, não; eu estou indicando as folhas que foram levantadas em 41 — nesse tempo eu não estava aqui.

V.A. – Mas nós podemos fazer cópias de algumas páginas dessas?

A.F. – Podem. Vocês voltam um dia aqui, escolhem as folhas que querem... Tem coisas aqui que não vão interessar a vocês e tem coisas que vão interessar.

V.A. – Por exemplo, aquele mapa da Siderúrgica, de Volta Redonda com os terrenos, eu acho que é superinteressante.

A.F. – Isto aqui é muito interessante. Este conjunto é bastante interessante. E é um conjunto que eu vou dizer uma coisa: eu me orgulho e ao mesmo tempo lamento que muito pouca gente na Siderúrgica tenha conhecimento disto aqui e que tenha conhecimento de que existe isto aqui nessas condições. Eu me orgulho e ao mesmo tempo lamento, porque é lamentável, é triste mesmo. Isto aqui é muito interessante. Outra coisa interessante também é isto que está aqui. Este levantamento foi executado em 1941 — aquele lá foi em 41 também, mas aquele é um levantamento detalhado. Este é um levantamento geral de todos os terrenos da companhia que foi feito pelo... Obras Contra as Secas. Então, se pegar este levantamento hoje, por exemplo... Se a senhora pega uma fotografia de uma coisa mas não tem a noção do conjunto, tem apenas a noção do local, mais nada... Agora, por essas folhas aqui... Essa planta de situação e essas folhas aqui estão nos arquivos da companhia: uma, duas, três, quatro folhas executadas pela Comissão de Obras Contra as Secas, levantamento aerofotogramétrico. Então, nesse levantamento aparece o Retiro, do outro lado do rio, a Vila inteira, a usina, onde não aparece absolutamente nada.

V.A. – E são fotos mesmo, fotografias?

A.F. – Aerofotogrametria.

V.A. – Não é a mesma coisa que fotografia?

A.F. – Não, é um desenho com curvas de nível, esse troço todo. Aparece como era Volta Redonda em 41. Então, o sujeito em cima daquilo vai ver o que era Volta Redonda antes da Siderúrgica. Porque fotografia é do local, aqui é do conjunto.

V.A. – E o senhor tem fotografia mesmo da época do senhor como topógrafo?

A.F. – Não.

V.A. – Porque o dr. José de Moraes e o dr. Renato Azevedo nos emprestaram algumas fotografias. O senhor tem algumas?

A.F. – Não, fotografias eu não tenho.

I.F. – E isso aqui, o que é?

A.F. – São referências a meu respeito. Tem a carta do americano me convidando para trabalhar com ele nos Estados Unidos, aqui tem do Paulo Martins, Ricardo Negrão...

V.A. – Ah, esse aqui da McKee, deixa eu dar uma olhadinha.

A.F. – Pois não. Veja bem, jubileu de prata da CSN. Esse aqui foi um veterano também, um desbravador.

I.F. – “Tive a felicidade de secretariar, ao lado de Antônio Oswaldo Freschi, a primeira Assembléia Geral da CBS, ocorrida em 17 de julho de 1960 no auditório da Escola Técnica Pandiá Calógeras. Essa foi a assembléia de fundação da CBS, João Sayão Lobato.” Isso aqui o que é?

A.F. – Isso foi em Siderópolis, Santa Catarina.

I.F. – Também os mapas, tudo aqui.

A.F. – Tudo. Engenheiro [inaudível]. Nesse tempo, esse engenheiro era o chefe da topografia; ele era o chefe, e eu apenas um topógrafo. Aqui está o roteiro e aqui a concessão. Aqui estão os marcos que eu coloquei, veja só, tudo feito por mim.

I.F. – Tudo feito na máquina, tudo contado.

A.F. – Maluquice, não?

I.F. – Usava régüinha de cálculo.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

I.F. – [gravando simultaneamente em vídeo] Seu Freschi, primeiro nós queríamos agradecer o depoimento gravado que o senhor nos deu. Mas eu queria que o senhor comentasse mais um pouquinho uma coisa que me impressionou muito, desse orgulho que o senhor tem quando olha para essa grandiosidade que é a CSN, Volta Redonda, e lembra que tudo tem um pedacinho do seu trabalho, um pedacinho da sua vida. O senhor podia contar para a gente o que o senhor sente e a importância da CSN para o Brasil.

A.F. – A importância da CSN para o Brasil é que mudou inteiramente o pensamento do brasileiro de que ele não era capaz de fazer isso, uma coisa tão grande. E fez a coisa tão grande. E quando eu olho para a usina, o orgulho que eu sinto é difícil de explicar. Quando eu vim para cá, não tinha nada. Isso aqui, por exemplo, onde eu moro, era um laranjal. Lá embaixo, na Vila, também um laranjal, um brejo cheio de mato. Do outro lado do rio, o Retiro, hoje é uma cidade maior do que isso aqui, na margem esquerda do Paraíba. Então, eu olho para isso aqui, vejo e digo: “Puxa vida, em 1927, quando eu comecei a minha vida, quando é que podia se imaginar que nós, brasileiros, seríamos

capazes de fazer uma coisa tão grande como nós fizemos aqui em Volta Redonda? Isso foi a cidade que mais cresceu no Brasil — porque ela parou, de uns tempos para cá ela parou, mas em 52, 53 já era uma grande cidade, já era grande isso aqui. E foi feito tudo às pressas, correndo, foi muito rápido. Então eu sinto essa alegria. Sinto uma alegria imensa quando uma pessoa como o engenheiro Azevedo, o engenheiro Moraes falam a meu respeito. Eu sou grato a isso, sou grato a pessoas que reconhecem o meu esforço dentro da usina. O engenheiro Azevedo é um que reconhece o esforço que eu fiz para conseguir fazer tudo o que foi feito aí dentro, sem deixar nada fora do lugar. Imaginem num negócio desse tamanho, desse porte, uma coisa fora do lugar, errada. Então, eu sinto orgulho disso, sinto satisfação. Na Light, por exemplo, onde eu trabalhei 12 anos, quando saí de lá eu era *field engineer*, engenheiro de campo, mas não assumi a responsabilidade que eu assumi aqui.

Por exemplo, uma coisa muito interessante de que eu me lembro... Tinha esquecido de comentar. Em 1942, quando nós estávamos construindo a coqueria, numa determinada noite, eu já dormindo, mais ou menos às duas horas da manhã acordei: sonhei que eu tinha errado uma locação lá na coqueria. Eu não consegui dormir mais. Às duas e meia eu levantei e fui para lá; duas e meia da manhã, em 42, em plena guerra. Cheguei lá de manhã, fui para o campo, peguei uma baliza, uma vareta e uma trena e fui lá e constatei que realmente eu tinha errado e procurei consertar. Aí vem um cabeça-de-tomate, um guarda, e pergunta: “O que o senhor está fazendo aí?” “Vim ver um negócio aqui.” Ele não me conhecia: “É, mas o senhor vai ficar comigo, está preso.” E fiquei preso até de manhã, até chegar o tal de capitão Magalhães, que era o chefe do serviço de pessoal. “Ué, o que o senhor está fazendo a uma hora dessas aí?” Aí contei para ele e ele me mandou embora. Mas eu fui de manhã lá. Essas coisas... Eu me lembro do dia em que eu vim a pé, andei a noite inteira para cumprir a minha obrigação e ver esse negócio grande aí. Essas coisas que eu vejo que me entusiasman.

Por exemplo, o coronel Macedo Soares, o então diretor técnico, eu tinha muito acesso a ele, como tinha ao Azevedo, ao coronel Ciro, tinha acesso a eles todos. Essas passagens todas que eu tive aí me trazem alegria, alegria mesmo. Coisas que os americanos não concebiam, não acreditavam que nós poderíamos fazer o que nós fizemos aí. Eles não acreditavam, não acreditavam que nós seríamos capazes de fazer o que nós fizemos. O brasileiro — eu falo isso com autoridade, credenciado mesmo — é a raça mais inteligente do mundo. Sabia disso? Por exemplo, o americano veio para cá e ficou aqui quatro, cinco anos, ou ficou dois anos, três... Uns ficaram mais tempo e outros foram embora logo. Mas os que ficaram na construção da usina de 42 a 45... O sistema deles é o inglês, pé e polegada: um pé tem 12 polegadas. Então, eles não se familiarizavam de jeito nenhum com o sistema métrico.

I.F. – E os brasileiros se adaptaram em dois minutos ao sistema deles.

A.F. – Os brasileiros? Inclusive os operários, carpinteiros, o pessoal que fazia concreto, mestres-de-obras, todos eles num instante se familiarizaram com o sistema inglês. Nós, os brasileiros, pegávamos os desenhos americanos e interpretávamos aquilo com a maior facilidade. Nós, que eu digo, éramos os técnicos. Mas os operários também, os ajudantes lá sabiam fazer. Nós temos um pessoal inteligente.

Então, de tudo isso eu me lembro. Lembro quando se fez a coqueria, lembro de muitas coisas, passagens interessantes, técnicos muito bons. Hoje é difícil encontrar um técnico bom, porque tudo é muito fácil. Naquele tempo tudo era feito na unha.

I.F. – Então, muito obrigada, foi um trabalho muito interessante.

A.F. – Eu lamento, que eu gostaria de poder informar mais coisas.

I.F. – Mas foi muito bom, muito obrigada então.

A.F. – Eu fico satisfeito que tenham gostado.

V.A. – Gostamos demais, dr. Freschi, e vamos voltar para ver esse livro. E eu acho que essa carteira do senhor, da CSN, também é muito boa para a gente.

A.F. – Essa aqui? Eu era bonitão.

V.A. – Mas eu acho que sua esposa tem boas notícias aí no telefone.

A.F. – Ah, é? Ela gosta muito de telefone.

V.A. – Não, eu digo por causa do neto.

A.F. – É capaz.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

[A senhora do entrevistado vem avisar que nasceu a bisneta e o casal interrompe a gravação para comemorar.]

[FINAL DE DEPOIMENTO]